

LIVRO III

ESTRELA ESCARLATE
Revelação

1ª Edição

Ignácio Salieri

Copyright © 2021 by Ignácio Salieri

Capa, Diagramação e Revisão
Ignácio Salieri

Salieri, Ignácio 1994-

Estrela Escarlate : Revelação : Livro III / Ignácio Salieri –
1. ed. – Caruaru, PE : Ed. do Autor, 2021.
425p. ; 21cm.

ISBN: 978-65-00-30495-4

Todos os direitos reservados ao autor da obra.

1. Romance brasileiro. I. Título

CDD: 869.3

20-48948

Nem sempre o final correto é o feliz.

Prólogo

Vivi por um milênio, mas poucas coisas eu vi.

Fui forçada a fugir, condenada a viver em exílio apenas por lutar pelo que era meu de direito. Morri mais uma vez e ressurgi fragilizada e irreconhecível.

Nossa pequena frota afundou diante de uma tempestade. Earl Borg e todos de sua tripulação pereceram sob a fúria de Thor.

Fiz de coberta uma parte do casco de um dos barcos, arrastei comigo o corpo de um marujo, nadei até não ter mais forças e me deixei ser levada pelas correntes.

O mar me levou até o sul da Bretanha, uma terra perigosa devido à guerra constante. Passei-me por pedinte, dormi em porões por longos e longos meses até que o inverno chegou e pude enfim peregrinar para o norte.

Viajava à noite e me abrigar durante o dia em pequenas propriedades de agricultores, onde saciava a sede maldita com o líquido de suas vidas.

Atos cruéis e atribuídos às bruxas e aos escandinavos que saqueavam aquelas terras. Um belo disfarce.

Sabia que Theodore me procurava, mas sabia também que não poria os pés naquelas terras amaldiçoadas onde, em tempos remotos, os celtas expurgaram todo demônio que pisou ali.

Peregrinei por anos enfrentando a sede e fugindo dos soldados dos reis até enfim encontrar um local para além das

muralhas romanas, a norte o suficiente para descansar sem ser caçada ou importunada.

Uma gruta eu encontrei e lá fiz morada, mas não estava a salvo do mundo. Fui encontrada por bruxas que, pelo destino, eram apenas condutoras. Um antigo clã celta que permanecia imerso nas antigas tradições.

Criamos um vínculo de amizade e cooperação, estudamos magia e descobrimos como visitar o mundo das sombras, como as bruxas o chamavam. Sangue Danskrov antigo servia como portal e rituais sanguinolentos foram escritos para tal finalidade.

Antigos e vingativos espíritos habitavam as terras das sombras tornando as visitas cada vez mais perigosas.

Estabelecemos limites, porém a ganância de suas líderes era grande demais e fui aprisionada naquela gruta para servir exclusivamente como portal para o mundo das sombras.

Séculos se passaram e, após uma terrível guerra entre os dez clãs bruxos da França, Theodore foi morto junto a Ulrik, o seu herdeiro.

Heinrich Danskrov tomou lugar como rei, mas mudou as regras do jogo. A casa era governada agora por um tropel de nobres cavaleiros cada um com uma missão e uma casta para governar.

Messalina, filha de Magdalena que era filha de Rowena que era minha filha, foi nomeada Quinta Cavaleira e Protetora dos Escribas. Messalina, A Bruta.

O mundo das sombras me permitia ver um relance do mundo dos vivos e pude maquinar minha vingança.

Vivia acorrentada, porém perambulava pela penumbra do mundo das sombras até que Senhora do Fogo pisasse naquelas terras. Ela chegou ali antes da guerra dos dez clãs e antes mesmo de se tornar de fato uma bruxa poderosa.

Elora desembarcou junto ao seu homem, um mercador espanhol que frequentemente viajava para aquelas terras geladas tão ao norte das antigas muralhas romanas na Inglaterra.

A bruxa fundou um novo clã descendente e ligado ao clã francês de Carcassonne. Em sua maioria, bruxas condutoras, porém bruxas sanguinolentas desembarcaram ali e se juntaram com a esperança de fuga da antiga vida.

Elora libertou-me de minha prisão ao assassinar as bruxas locais. Ela tomou as tradições para si, mas apenas visitava o mundo das sombras em rituais de Lua, quando era mais seguro.

Naquele tempo, bruxas eram caçadas pelos vampiros e por inquisidores que às queimavam indistintamente.

Quantas mulheres inocentes foram queimadas por aqueles que agiam em nome da igreja?!

Elora partiu em apoio à irmã e derrotou Theodore e Ulrik, os Danskrovs mais poderosos. Foi naquele mesmo ano, em 1591 que nasceu o Anjo Vermelho.

Enya pereceu, mas Elora retornou a Alberdeen.

Poucos sabem de algo referente à caça às bruxas que a história tratou de esquecer. Mas eu não esqueço.

Uma Danskrov munida de total confiança por parte de seu pai foi incumbida de por um fim ao conflito.

O Anjo Vermelho pisou naquelas terras em 1597 e de maneira genial, plantou uma ideia na cabeça do rei James VI da Escócia que também era rei James I da Inglaterra, um rei com dupla coroa.

James escreveu a obra ‘O Demonologista’ de forma que dois personagens conversam. Philomathes, um cético em relação a qualquer coisa referente à bruxaria, e Epistemon que acredita piamente que toda magia é negra e representa o mal. Para Epistemon, não havia distinção entre bruxas condutoras e bruxas sanguinolentas.

Advinha quem Epistemon representava?!

Um golpe de mestre do Anjo Vermelho que incentivou a caça às bruxas por parte dos humanos temerosos diante da igreja inquisidora.

Em um tempo onde ainda não havia o ‘Tratado de Não Intervenção’ os vampiros das famílias nobres faziam o que bem entendiam e manipulavam reinos humanos.

O tratado que foi redigido por Messalina e assinado pelas três famílias vampirescas e por Efraim, considerado líder dos vampiros vermelhos, após séculos de mortes inocentes deu um fim a tais atos.

Retornando à Elora, a bruxa reuniu um clã heterogêneo onde bruxos e bruxas podiam praticar magia e trocar conhecimento.

Era um refúgio à caça, no entanto, o Anjo Vermelho através do duplo rei James acabou com a harmonia local e

os soldados passaram a interferir na Escócia, revistando terra por terra.

Elora partiu então para as terras portuguesas na esperança de fugir para o novo mundo, as Américas de Colombo e Cabral, mas uma vez mais o destino a seguiu e os inquisidores a encontraram.

Batalhas se tornaram massacres com as bruxas sofrendo em número reduzido. Era o fim para toda uma raça.

O Anjo Vermelho encontrou-se encurralado durante uma armadilha preparada por Elora. A vampira caçadora de bruxas teve a oportunidade, assim como eu tive, de conhecer o clã, de aprender sobre o seu cotidiano, sua cultura e tradições.

Em atitude piedosa, o Anjo Vermelho ajudou na fuga da Senhora do Fogo na tentativa de redimir seus pecados para com aquele povo, e na esperança de que as bruxas pudessem encontrar morada no novo mundo.

A Senhora do Fogo teve a sua prole e deu continuidade às tradições junto ao cristal rubro que sua irmã Enya utilizou unindo magia condutiva e sanguinolenta.

Mas e o cajado de Elora?! Aquele formado por um único pedaço de madeira que se dividia enrolando-se entre si até alcançar o cristal límpido na ponta.

A visão havia sido concedida e Elora previu a danação da raça humana. Em suas visões, o cajado nunca chegou ao novo mundo. Ele pertencia àquela terra e, um dia, seria mais uma vez utilizado quando a pedra rubra fosse estilhaçada.

Em nossa despedida, Elora revelou-me parte do futuro, apenas o suficiente para que nada fosse alterado.

A visão é mais maldição do que dádiva.

Do que adianta ver algo ruim que está prestes a acontecer sem poder alterá-lo?! Na verdade, é possível dobrar o destino e impedir determinadas coisas, no entanto, sendo uma via de mão única como é o destino, uma vez que o presente seja alterado o futuro muda diante de seus olhos e nada se pode fazer.

A grande guerra se aproxima e o destino dança diante de meus olhos. Já não lembro a vampira forte que um dia cheguei a ser e me vejo hoje como uma sombra do que foi Margrethe Danskrov.

Eu vivi por mais de um milênio e ainda assim, pouco do mundo eu vi.

.

Elliot

Uma Cama Macia

Medo... Escuridão... Morte...

Meus olhos se abriram de supetão enquanto o peito batucava de forma veloz e a respiração era rápida e entrecortada por tossidas violentas.

O odor de vísceras e sangue era insuportável e me rodeava. Estava também impregnado em minhas roupas, na pele e nos cabelos.

Senti uma fisgada no ombro esquerdo quando pensei em girar o tronco. Estava com frio, muito frio: havia uma fina camada de neve por cima do meu corpo. O queixo batia incessantemente, as pontas dos dedos estavam arroxeadas e o nariz doía a cada inspiração.

Apoiei a mão direita em algo macio embaixo de mim alavancando o corpo para cima. Algo pesado estava sobre minhas pernas impedindo que levantasse.

Meti o rosto para fora da camada de neve passando a outra mão sobre os olhos, e avistei a enorme torre completamente escura sob um céu alaranjado de fim de tarde. Estava deitado entre as árvores dezenas de metros abaixo da construção onde a batalha havia acontecido.

“Alguém...” Tentei gritar, porém minha garganta parecia estar cerrada. “Vi-Vivian... Vivian...” Sussurrei.

Sentei completamente e passei as mãos sobre o peso em cima das pernas. Tentei puxá-lo, porém estava demasiado fraco.

Afastei a neve usando as palmas das mãos revelando roupas, cabelos... E a pele. *Um defunto...* Continuei a limpar as costas, ombros e cabeça da pessoa que jazia sobre minhas pernas... *Meu Deus...*

“Tristan!” Gritei afastando-me para trás em repúdio aquela cena.

O loiro tinha a pele roxa, olhos opacos, expressão congelada enquanto uma parte da pele começava a se soltar da testa.

Continuei a me afastar de costas sobre o terreno que cedia sob meu peso. Era tudo instável, difícil de ficar de pé.

Girei o corpo e desatei a engatinhar conforme o terreno inclinava. Meus pés não tinham apoio, nada encontrei para me agarrar até que meti a mão na neve e puxei algo, era uma mão.

Soltei-a imediatamente, porém a força que usei fez com que o defunto despencasse ao meu lado causando uma pequena avalanche de terra, neve e corpos.

Percebi então que todo o caminho que havia percorrido havia sido por cima de corpos, de defuntos... *Sim, corpos... Corpos de caçadores e vampiros.*

Continuei a subida com uma dor na barriga. O estômago se contorcia, e vomitei assim que atingi a mureta.

Saltei com dificuldade aterrissando com os joelhos. Continuei a caminhada de olhos fechados enquanto tentava alcançar a escadaria que levava até o primeiro piso.

O estômago não me obedecia e continuava a me fazer vomitar mesmo que não houvesse mais nada que pudesse ser colocado para fora.

Engatinhei pelo lance de escadas até o cômodo do primeiro piso, cruzei o aposento ignorando as manchas de sangue, pedaços de roupas, espadas, estacas e flechas quebradas, e até grandes caixas abandonadas, alcançando o lance que levava até o segundo piso.

A subida foi difícil, sentia-me tonto e enjoado. As escadas pareciam dançar sob meus pés e a visão tornava-se turva até que se apagou por completo.

Uma luz tenra iluminou minhas pálpebras fazendo com que despertasse de um sono sem sonhos.

Abri os olhos com dificuldade e vislumbrei centenas de flocos de neve que dançavam pelo cômodo de paredes de pedra decoradas com manchas escuras de sangue seco.

A manhã acabara de começar. Uma manhã nublada, fria e branca. Era um novo dia, um recomeço, um renascimento.

O que me tornei?! Sentei atordoado e uma dor sem tamanho tomou toda minha coluna. Caí para trás.

Não, não sou um vampiro... Vampiros não sentem dor dessa maneira.